

O MUNDO DE VIDA DAS CRIANÇAS. TECENDO OS FIOS DAS NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS NA PESQUISA COM O COTIDIANO

Maria Terezinha Espinosa de Oliveira
ECEP

Eixo 6. Pesquisa em educação: abordagens teóricas e métodos

*É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
É um olhar para o ser menor, para o
insignificante que eu me criei tendo.*
Manoel de Barros

Esta comunicação apresenta os achados da pesquisa desenvolvida com crianças moradoras de um bairro rural, localizado no terceiro distrito de Teresópolis, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos estudos de doutoramento da autora. Tal estudo explora os desafios de pesquisar com o cotidiano de uma comunidade rural, em especial as crianças. Tomando a dúvida como método, a pesquisadora vai a partir de suas anotações de campo e, acompanhada pelas vozes de adultos e crianças, tecendo nas franjas do rural/urbano sua narrativa sobre os modos de viver e habitar daquela comunidade rural. O diálogo com Bakhtin e Benjamin entre outros, ajuda a compreender a complexidade do que hoje entendemos por rural, ao mesmo tempo em que possibilita pensar uma metodologia de pesquisa com as crianças. A pesquisa com o cotidiano das crianças de Córrego Sujo, tem provocado a necessidade de aguçar a sensibilidade para encontrar pistas que permitam compreender o que é ser criança no espaço rural. Como é constituído o mundo que os adultos compartilham com as crianças? Qual o lugar das crianças nesse mundo? O esforço de compreensão implica mergulhar no mundo vivido por elas, percebendo a partir delas próprias, o sentido das ações dos diferentes atores que produzem este mundo. Mergulhar não com uma rota pré-estabelecida ou com uma corda de tamanho definido, mas um mergulho que permita à pesquisadora ser autora que também atua neste mundo, sentindo, tocando, ouvindo, compartilhando, descobrindo, contudo numa rota não-linear. O referencial para compreender as crianças refere-se aos estudos que buscam visibilizá-la como sujeito individual e social, capaz de produzir cultura e história. Refiro-me, a uma concepção que considera a não universalização da infância, e que ela é diferentemente construída. Portanto, para conhecer as crianças do campo, é necessário o encontro e o diálogo, que possibilitam descortinar a partir delas próprias sua cotidianidade. No contexto da pesquisa assumo a perspectiva que as

crianças têm consciência de seus sentimentos, idéias, desejos e expectativas (Pinto, 1997). Elas são capazes de expressá-los, desde que haja quem as escute com atenção. As crianças falam, desenvolvem formas específicas de comunicação oral e corporal, criam um vocabulário próprio. Suas falas se constituem a partir das relações sociais que produzem e que as produzem. A partir de Benjamin (2000,2002) compreendo que as crianças são seres humanos de pouca idade que constroem seu próprio universo e representa-o nas brincadeiras, nas falas, nas atitudes que tomam nas relações com os outros sejam estes crianças ou adultos. As crianças surpreendem com gestos ou palavras e por isso procuro estar aberta às falas, as entonações, as atitudes percebendo os sentidos e significações, e os valores que desenvolvem sobre o mundo em que vivem. Compõe o mundo de vida das crianças os modos de fazer, suas experiências e as formas como são constituídas as relações sociais. O esforço de compreensão destas relações se dá a partir de uma postura teórico-metodológica que valoriza igualmente as distintas possibilidades dos adultos e das crianças em compreender as experiências que compartilham. Estas distinções são marcadas tanto pelas diferenças cognitivas, afetivas quanto pelas formas das relações que adultos e crianças estabelecem com os objetos e códigos da cultura. As relações adulto/criança constituem-se como um dos fios que me ajudam a tecer a compreensão do mundo vivido pelas crianças, ouvindo suas vozes e percebendo o sentido que dão às suas ações e seus contextos. O conceito bakhtiniano de dialogismo (2003) se constitui como referência no entendimento das práticas dos adultos e crianças. As relações dialógicas são relações de sentido que estão presentes na vida cotidiana, nas interações entre pessoas. Na perspectiva benjaminiana as ações cotidianas que conformam a pessoa, que possuem conteúdo, que transcendem ao conhecimento em si, são aquelas que se constituem como experiências. A experiência é um misto de necessidade, desejo e paixão. Pesquisar a partir da experiência exige da pesquisadora estar aberta para o que acontece, para o que afeta. São a essas experiências que recorrem os narradores. O narrador benjaminiano *retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros*. Quando narra a experiência do outro o faz a partir de sua experiência em ouvir a narrativa e a incorpora a sua própria. Com este referencial exploro a narrativa como possibilidade de investigação. O processo de investigação narrativa na vida cotidiana envolve o compartilhamento das relações, dos espaços, das vozes, dos sentimentos em situações de igualdade entre a pesquisadora, as crianças e os adultos que contam suas histórias. Neste processo é fundamental cultivar um olhar indisciplinado, espontâneo, liberto de amarras, que passeia entre a luz e a sombra. A pesquisa com o cotidiano das crianças possibilita, que como elas, nos tornemos aprendizes do mundo. Mergulhar no mundo pesquisado significa refletir

com as experiências dos sujeitos, essas mesmas experiências. E ao mesmo tempo viver com estes sujeitos a experiência de *estar junto com*, ouvindo suas histórias e contando as nossas, intercambiando experiências. Construir diálogos é cavar a terra para cultivar histórias coletivas que deixam rastros e não se reduzem as vivências individuais.

Palavras-chave: crianças, narrativas, experiências

Referências bibliográficas

- 1- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- 2- BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007
- 3- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: rua de mão única*. 5ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 2000
- 4- _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades; ED 34, 2002.
- 5- PINTO, M. A infância como construção social. In: PINTO, M., SARMENTO, M.J. (coord). *As Crianças: contextos e identidades*. Universidade do Minho. 1997, p.33-73.